

DA FEIRINHA À RECICLARTE: GENTRIFICAÇÃO, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM ARAGUAÍNA/TO¹

FROM THE FEIRINHA TO RECICLARTE: GENTRIFICATION, EDUCATION, AND RESISTANCE IN THE PRODUCTION OF URBAN SPACE IN ARAGUAÍNA, TOCANTINS

JOSELANE FERREIRA DE SOUSA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, Araguaína – TO
joselane.sousa@ufnt.edu.br

ROSILENE ALVES FOLHA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, Araguaína – TO
rosefolha12345@gmail.com

MARCELO VENÂNCIO

Professor do Curso de Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, Araguaína – TO
marcelo.venancio@ufnt.edu.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a produção e a ressignificação do espaço urbano a partir da interação entre poder e resistência. A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, fundamentada em levantamento bibliográfico, utilizando o método comparativo, conforme a perspectiva de Gil (2008). O estudo tem como foco dois territórios urbanos de Araguaína/TO (a Feirinha e a comunidade escolar da Escola Reciclarte), investigando como esses espaços são atravessados por processos distintos de gentrificação e educação ambiental. A análise se concentra nas disputas territoriais, evidenciando relações de poder, práticas de exclusão e formas de resistência. A discussão teórica baseia-se em autores como Santos (1977, 2006), Souza (2018), Brito et al. (2022), entre outros.

Palavras-chave: Território e espaço urbano. Gentrificação. Educação ambiental.

Abstract: This article aims to analyze the production and resignification of urban space through the interaction between power and resistance. The research is qualitative in nature, with a descriptive and exploratory approach, based on bibliographic review and using the comparative method, according to Gil's (2008) perspective. The study focuses on two urban territories in Araguaína, Tocantins (the Feirinha and the school community of Escola Reciclarte) investigating how distinct processes of gentrification and environmental education shape these spaces. The analysis centers on territorial disputes, highlighting power relations, exclusionary practices, and forms of resistance. The theoretical discussion draws on authors such as Santos (1977, 2006), Souza (2018), Brito et al. (2022), among others.

Keywords: Urban space and territory. Gentrification. Environmental education.

¹ Este texto é resultado das discussões feitas na disciplina Epistemologias do Pensamento Geográfico do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins, ministrada pelo Prof. Dr. Marcelo Venâncio.

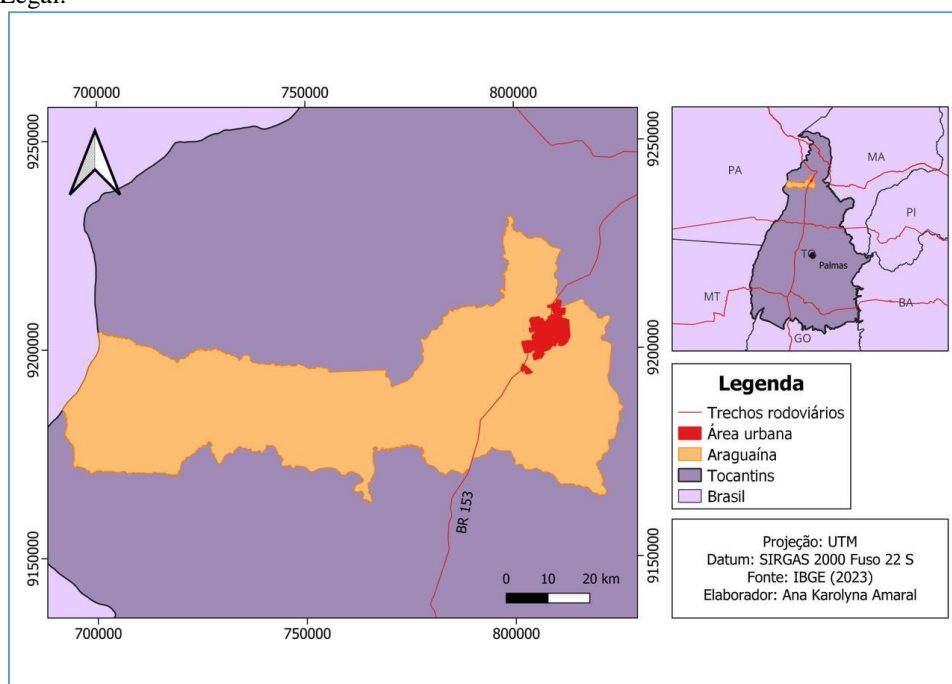
Introdução

O espaço, enquanto objeto da Geografia, é socialmente produzido e resultado das relações humanas, atuando como *locus* de reprodução das estruturas sociais (CORRÊA, 1995). Essa perspectiva é fundamental para compreender as dinâmicas sociais nos contextos urbanos, marcados por transformações, conflitos e formas de resistência.

A compreensão do espaço urbano exige um olhar atento às interações entre território, lugar e paisagem, categorias que se entrelaçam e possibilitam diferentes leituras da realidade. Souza (2018) reforça essa perspectiva ao destacar que o espaço é constantemente apropriado e transformado pelas ações humanas. O território, por sua vez, ainda que material, expressa espacialmente as relações de poder e os mecanismos de dominação que moldam o uso e o controle dos espaços.

No caso de Araguaína, nosso local de investigação, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024) revelam que se trata de um município de porte médio e situa-se ao norte do estado do Tocantins e inserido na Amazônia Legal, conforme o Mapa 1.

Mapa 1 – Localização do município de Araguaína no estado do Tocantins, com destaque para sua inserção na Amazônia Legal.



Fonte: IBGE (2023). Elaboração: AMARAL, Ana Karolyna (2025).

A cidade é classificada como Capital Regional C na hierarquia urbana brasileira e possui uma área territorial de 4.004,645 km². O processo de urbanização no município é marcado por profundas desigualdades: em 2019, a área urbanizada totalizava 53,07 km², e cerca de 8.758 pessoas viviam expostas a áreas de risco (IBGE, 2024).

Nesse contexto, duas dinâmicas urbanas contrastantes são objeto de investigação neste texto: o processo de gentrificação na região central da cidade, particularmente na área da Feirinha, impulsionado por interesses imobiliários; e, em contraponto, iniciativas voltadas à sustentabilidade e à educação ambiental, como as da Escola Reciclarte, que propõem novas formas de apropriação e ressignificação do espaço urbano, fortalecendo vínculos comunitários e promovendo a consciência socioambiental.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada em referências bibliográficas, com foco na análise das transformações espaciais e simbólicas na escola Reciclarte e na região da Feirinha, em Araguaína Tocantins.

Este artigo analisa como o espaço urbano é produzido e ressignificado pela interação entre poder e resistência. Fundamentada em autores como Corrêa (1995), Santos (1977, 2006), Souza (2018) e Brito et al. (2022), a investigação busca compreender criticamente de que forma práticas sociais contribuem para a construção e reconstrução dos territórios urbanos em Araguaína/TO, apontando caminhos para o enfrentamento das dinâmicas de exclusão e o fortalecimento de experiências emancipatórias.

A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, fundamentada em levantamento bibliográfico. Essa abordagem foi escolhida por permitir uma análise aprofundada das transformações espaciais e simbólicas nos territórios estudados (a Escola Reciclarte e a região da Feirinha, em Araguaína (TO)). Conforme Gil (2008), o método qualitativo possibilita compreender as experiências humanas em suas múltiplas dimensões: social, cultural, espacial e histórica.

Foram utilizadas como fontes primárias e secundárias diversas produções acadêmicas, incluindo, artigos científicos, dissertações, livros especializados e reportagens de mídia local. A seleção dos materiais seguiu critérios de relevância temática, atualidade, com ênfase em produções dos últimos cinco anos, e relação direta com os eixos centrais da pesquisa: educação ambiental, urbanização, gentrificação e exclusão territorial. Obras como Rodrigues (2020),

Brito et al. (2022) e Silva et al. (2024) forneceram subsídios essenciais para a compreensão da dinâmica urbana da cidade de Araguaína.

A análise dos dados foi realizada por meio da leitura crítica dos textos selecionados, com o objetivo de identificar categorias como território, paisagem simbólica, gentrificação e relações socioespaciais. O método comparativo, conforme Gil (2008), foi adotado para investigar e destacar diferenças e semelhanças entre fenômenos, permitindo comparar culturas, sistemas políticos ou padrões comportamentais de diferentes épocas. Além disso, foram examinados trechos de entrevistas presentes em reportagens e pesquisas anteriores, utilizados como material complementar para enriquecer o diálogo teórico. Essa triangulação de fontes ampliou a fundamentação da análise, mesmo diante da ausência de trabalho de campo direto.

Reconhece-se, como limitação, a ausência de entrevistas presenciais e observações *in loco*. Contudo, a opção pelo enfoque bibliográfico se justifica pelas restrições temporais da pesquisa e pela disponibilidade de dados produzidos em investigações anteriores.

Como ressaltam Silva *et al.* (2024), a representação simbólica dos espaços permite compreender, mesmo à distância, as experiências vividas pelos sujeitos. Dessa forma, a análise de entrevistas já realizadas, extraídas de outras pesquisas e reportagens, contribuiu para incorporar elementos empíricos à discussão, possibilitando uma escuta indireta das narrativas de moradores e ex-feirantes, fundamentais para o aprofundamento deste estudo.

Entre espaço e território: conflitos, identidades e apropriações

Retomando a premissa de uma reflexão sobre seus fundamentos conceituais, aponta-se, de maneira específica, a definição de espaço que interessa ao estudo. De acordo com Corrêa (1995), o espaço geográfico é abordado por diversas correntes do pensamento geográfico. Entendido como espaço social, ele é vivido de forma integrada ao espaço absoluto, sendo produzido como *locus* da reprodução das relações sociais, ou seja, da própria sociedade.

Analisar a produção do espaço urbano implica reconhecer as tensões entre poder e resistência, evidenciadas na organização territorial e no cotidiano dos sujeitos. Silva (2016) observa que, em Araguaína, as desigualdades socioespaciais manifestam-se na distribuição assimétrica de infraestrutura, serviços e condições de vida entre os bairros. Localizada na

Amazônia Legal, a cidade enfrenta um crescimento acelerado, acompanhado de desafios urbanos, como a expansão dos serviços em áreas valorizadas e a exclusão sistemática das periferias, onde residem grupos com menor poder aquisitivo e acesso limitado aos benefícios da urbanização (Silva, 2016).

Com o avanço do crescimento urbano e a reorganização territorial, o valor atribuído a diferentes espaços também se transforma, resultando na marginalização das regiões periféricas. Estas, por sua vez, têm seu acesso aos recursos públicos reduzido, enquanto as áreas centrais se tornam progressivamente mais valorizadas. Esse processo perpetua a divisão entre os que usufruem dos benefícios da urbanização e os que permanecem à margem dela.

Como ressalta Corrêa (1995, p. 28), “em realidade, o espaço organizado pelo homem desempenha um papel na sociedade, condicionando e compartilhando do complexo processo de existência e reprodução social”. Essa perspectiva permite compreender como os espaços urbanos são continuamente produzidos, apropriados e disputados, refletindo projetos sociais e relações de poder em constante tensão.

Nesse cenário, a marginalização de determinados espaços torna-se uma dinâmica em permanente transformação, expressa nas mudanças sociais e no acesso desigual aos recursos urbanos. Corrêa (1995, p. 40) destaca que “o valor atribuído a um determinado lugar pode variar ao longo do tempo; razões de ordem econômica, política e cultural podem alterar a sua importância e, no limite, marginalizá-lo”. Esse processo, entretanto, não é unidirecional. Ao lado da exclusão, emergem práticas que buscam ressignificar os espaços marginalizados — como ocorre na experiência escolar do projeto Reciclarte, que será analisada mais adiante como um exemplo de reconfiguração territorial simbólica.

Considerando essa perspectiva, pressupõe-se que “espaço e território se entrelaçam de forma inseparável, manifestando-se principalmente por meio das relações de poder vigentes” (SILVA; LUCAS, 2024, p. 111). No campo da educação ambiental, destaca-se o papel das leis como instrumentos de transformação da realidade socioambiental. A educação ambiental nas escolas visa transformar hábitos, promover a conscientização sobre os impactos da ação humana no meio ambiente e fomentar práticas de consumo consciente e descarte adequado de resíduos (RODRIGUES, 2020).

Projetos como o Reciclarte, ao incentivar a reutilização criativa de materiais recicláveis, demonstram como o espaço escolar pode ser um território de resistência e reinterpretação simbólica, sobretudo nas periferias urbanas. A conscientização ambiental surge, assim, como ferramenta de transformação social e revalorização de espaços marginalizados, alinhando-se à concepção de organização espacial de Souza (2018).

A organização espacial está sempre mudando. Às vezes, mais lentamente. E não apenas mudando: está também sendo constantemente desafiada em diferentes escalas [...] Novas estruturas socioespaciais, para agasalhar novas relações sociais, a implosão ou corrosão de uma “ordem”, gerando, para certos observadores, a impressão de um estado de “desordem”, podem ser vistas como pessimismo ou otimismo, dependendo do interesse, do papel social e, por conseguinte, da perspectiva ou visão de mundo (SOUZA, 2018, p. 38).

A constante transformação dos territórios reflete dinâmicas sociais e relações de poder, sendo vistos ora como espaços desordenados, ora como reorganizados, conforme a perspectiva. Santos (2006) destaca que os espaços urbanos, marcados pela intervenção humana, carregam registros temporais diversos, evidenciando que viver em sociedade é viver no espaço, expressão das múltiplas ações humanas ao longo do tempo.

Conforme aponta Souza (2018), o espaço social é concreto e material, formado por elementos como ruas e edifícios, enquanto o território representa a projeção espacial das relações de poder que o estruturam. Dessa forma, a paisagem, além de visual, reflete as estruturas sociais que organizam e transformam o espaço.

Para Silva et al. (2024), a sociedade é dinâmica e está em constante transformação, o que também se reflete nas formas geográficas. Os movimentos sociais atribuem novas funções a essas formas, modificando a organização do espaço. O estudo da paisagem, nesse sentido, permite compreender como a percepção e a vivência do espaço são influenciadas pelas disputas de poder e pelos significados simbólicos que emergem desses territórios.

No caso da *Reciclarte* e da *Feirinha*, observam-se duas formas distintas de intervenção sobre o espaço. Na escola, o projeto *Reciclarte* ressignifica a paisagem escolar ao ocupar criativamente o ambiente com materiais recicláveis e produtos confeccionados pelos alunos, transformando o espaço educativo em um território de pertencimento, memória e construção coletiva. Já a *Feirinha*, espaço comunitário tradicional, enfrenta um processo de desocupação

impulsionado por interesses de reurbanização, o que evidencia a fragilidade do direito à permanência de grupos historicamente marginalizados.

Essas duas realidades, embora distintas, revelam disputas simbólicas sobre o uso e o significado dos territórios. Enquanto a escola resiste por meio da criação de novas paisagens significativas, a comunidade da *Feirinha* é forçada a ceder seu espaço, mostrando como a paisagem urbana é constantemente tensionada entre práticas de apropriação e estratégias de exclusão.

Essa leitura da paisagem como campo simbólico de embate também é sustentada por Souza (2018), ao compreender o território como uma construção coletiva em constante movimento. A perspectiva dialoga com Santos (1977), que aponta para a importância de compreender as formações econômicas e sociais como chave para entender os processos históricos das sociedades.

À medida que Araguaína se expande, novas fronteiras territoriais são estabelecidas, evidenciando os conflitos sobre o controle e a apropriação dos espaços urbanos. A disputa entre áreas centrais e periféricas traduz as tensões entre diferentes grupos sociais, que lutam pelo direito à cidade e por formas mais justas de ocupação e valorização dos territórios.

A partir da análise de Souza (2018) sobre as dimensões políticas e simbólicas do território, é possível perceber que a escola, enquanto espaço social, também expressa essas relações. As práticas educativas ali desenvolvidas — como as promovidas pelo *Reciclarte* — contribuem para a construção de identidades, resistências e vínculos com o espaço vivido.

A escola reflete dinâmicas sociais mais amplas, enfrentando desafios inseparáveis das questões estruturais da sociedade, e deve atuar integrada às demandas do território onde está inserida (CAVALCANTI, 2019). Araguaína, por sua vez, é um território em constante transformação, marcado por um processo acelerado de mudanças decorrentes da modernização territorial e econômica, que ressignifica a paisagem e demanda políticas públicas para evitar exclusão e apagamento histórico (SILVA *et al.*, 2024).

Espaços investigados: Feirinha e Reciclarte

Araguaína apresenta características de um processo de urbanização periférica, impulsionado por um rápido e contraditório crescimento econômico e demográfico. Esse fenômeno resulta na convergência de investimentos públicos e privados que, ao mesmo tempo em que geram riqueza, intensificam as desigualdades espaciais (SILVA, 2016).

O crescimento desordenado de Araguaína expõe a ausência de planejamento urbano capaz de enfrentar os impactos socioambientais da ocupação do território. Conforme Silva *et al.* (2024), esse processo ocorre de forma aleatória e provoca transtornos cotidianos (especialmente no período chuvoso) agravando questões climáticas. Para os autores, trata-se de uma urbanização improvisada que mascara problemas estruturais, ao transformar cursos d'água em vias rápidas, revelando uma paisagem regida por uma lógica funcionalista, distante das reais demandas socioambientais.

Silva e Lucas (2024) ampliam o enfoque para toda a região do Bico do Papagaio, destacando que as ações coletivas das entidades de base e o papel do indivíduo consciente de sua territorialidade são cruciais para o crescimento regional. Eles enfatizam que o papel dos sujeitos dentro do território do Bico é determinante para as dinâmicas de desenvolvimento local, evidenciando a importância da participação social em processos urbanos.

Para compreender como essas dinâmicas se manifestam na cidade, foram investigados dois espaços emblemáticos em Araguaína: a Escola Reciclarte e a Feirinha.

A Escola de Artes Raimundo Paulino, localizada no setor Maracanã, criada pela Lei Municipal nº 3049, sancionada em 18 de julho de 2017, durante a gestão do prefeito Ronaldo Dimas. Idealizada pela Nil Dimas (esposa do chefe do executivo municipal), a escola surgiu com o objetivo de promover as artes no município, ocupando um galpão que, inicialmente, seria destinado a uma unidade de reciclagem para catadores. No entanto, a estrutura não pôde cumprir essa função devido à sua localização em uma área residencial próxima a um posto de saúde, o que inviabilizou seu uso para o armazenamento de resíduos sólidos (RODRIGUES, 2020).

A escola foi nomeada em homenagem a Raimundo Antônio Lima Filho, mais conhecido como Raimundo Paulino, sanfoneiro e compositor natural de Teresina/PI, que deixou um

legado artístico em Araguaína. Paulino faleceu em 2016, aos 80 anos, e sua trajetória inspirou a criação de um espaço voltado à valorização da cultura local (RODRIGUES, 2020).

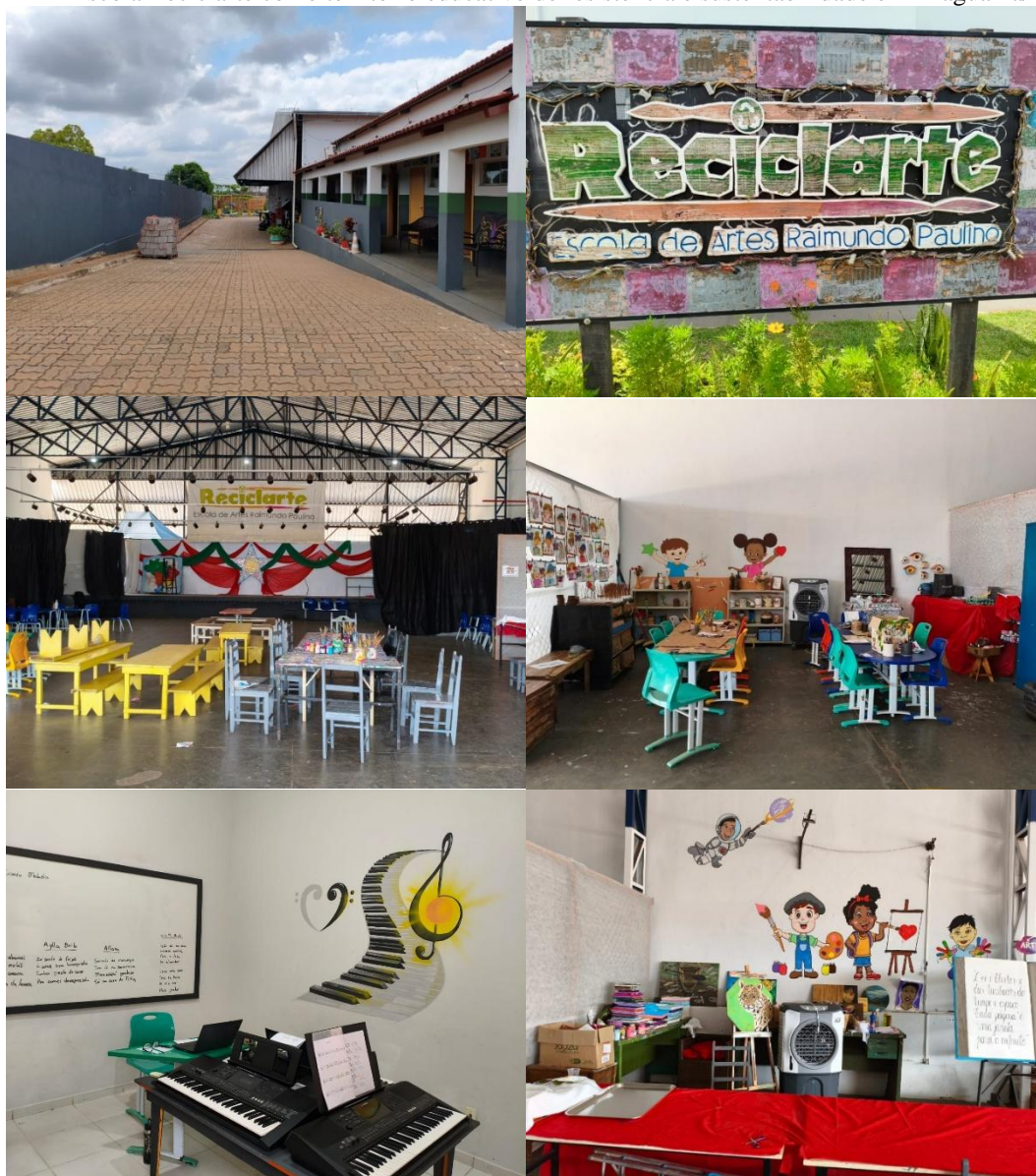
A Escola Reciclarte está situada no loteamento Maracanã, bairro periférico de Araguaína. Conforme Silva (2016), áreas como o Maracanã enfrentam problemas históricos de irregularidade fundiária, marcados por ocupações informais e loteamentos clandestinos, a exemplo da Vila Norte, Entroncamento, Barros, Raizal, Brejão, Vila Goiás e partes do setor São João. Nesse contexto, a atuação da Reciclarte evidencia tanto os desafios quanto os potenciais da realidade periférica, refletindo as complexas dinâmicas de urbanização que marcam a região.

A figura 1 apresenta a Escola Reciclarte, evidenciando como o espaço escolar é apropriado e ressignificado a partir de práticas educativas voltadas à sustentabilidade e à reutilização de materiais. A imagem ilustra a materialização da educação ambiental como estratégia de resistência simbólica e territorial no contexto periférico de Araguaína. Nela, percebe-se o compromisso da instituição com a sustentabilidade como eixo central de suas práticas educativas. A fala da gestora Valéria Elias, ao destacar que "o cuidado do meio ambiente é o nosso carro-chefe", confirma que a escola ultrapassa a formação artística tradicional, integrando ações de conscientização ambiental e incentivo ao reaproveitamento de materiais (Prefeitura de Araguaína, 2023).

A Escola Reciclarte configura-se como um exemplo concreto de resistência e transformação social, promovendo a inclusão social e ambiental e conscientizando a população sobre a importância da reutilização de materiais descartáveis. Sua missão é fomentar uma consciência crítica e sustentável, além de gerar renda por meio da reciclagem de resíduos sólidos. Oferecendo cursos gratuitos para pessoas de baixa renda, busca a ressocialização e a melhoria do bem-estar emocional dos alunos (RODRIGUES, 2020).

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 18, n. 3, p. 197-215, dez. 2025. ISSN 1981-4089

Figura 1 – A Escola Reciclarte como território educativo de resistência e sustentabilidade em Araguaína/TO.



Fonte: Os autores (2025).

Enquanto a Escola Reciclarte se destaca como um espaço de educação, inclusão e conscientização ambiental, a Feirinha de Araguaína expressa outra face da produção do espaço urbano: a da exclusão associada à reestruturação urbana e à valorização imobiliária. Nesse sentido, a comparação entre os dois territórios evidencia formas contrastantes de apropriação, permanência e resistência no espaço urbano.

Inicialmente criada como um espaço para camponeses comercializarem seus excedentes agrícolas, a Feirinha consolidou-se como um importante centro de trocas a partir de 1977, com o crescimento do comércio local (BRITO *et al.*, 2022). De acordo com Ribeiro (2019), a gentrificação, marcada pela valorização imobiliária e reestruturação urbana, transforma a dinâmica do espaço, promovendo deslocamentos e mudanças econômicas, sociais e culturais. A figura 2 abaixo mostra a demolição da Feirinha e o novo prédio construído no local.

A imagem retrata a demolição de imóveis na área da Feirinha de Araguaína, ação justificada pelo poder público como medida de segurança, mas contestada pelos comerciantes locais. O episódio evidencia o conflito entre o discurso da requalificação urbana e o direito à permanência de grupos historicamente vinculados ao território, revelando os efeitos sociais e simbólicos da gentrificação. Embora a gestão municipal afirme que os vendedores foram previamente notificados, reportagem do jornal *Anhanguera* (2017) apresenta uma versão distinta, destacando a insatisfação dos feirantes diante da ação.

Segundo Silva *et al.* (2024), compreender as concepções sobre o espaço é essencial para entender a forma como se estabelece a relação entre o ser humano e o meio em que vive. Essas concepções expressam dimensões simbólicas e culturais dessa interação, evidenciando que a vivência em determinado lugar envolve não apenas aspectos físicos, mas também experiências afetivas e significados subjetivos, ou seja, elementos imateriais que moldam a percepção e o sentido do território.

Assim, a ação na Feirinha aponta os efeitos da gentrificação: o apagamento da memória coletiva em nome de um "progresso" que exclui justamente aqueles que, historicamente, construíram o local. Nesse contexto, é importante destacar que os investimentos voltados à infraestrutura urbana, embora frequentemente justificados pelo discurso do desenvolvimento, não necessariamente representam melhorias para a população local. Pelo contrário, muitas vezes resultam no deslocamento de moradores de seus espaços afetivos e de construção social.

Brito *et al.* (2022) destacam que a disputa pelo uso do espaço em regiões incorporadas ao centro urbano, como o setor da Feirinha, gera conflitos permanentes entre interesses de permanência das populações tradicionais e pressões econômicas. Essa realidade evidencia como as dinâmicas urbanas podem produzir exclusão e apagamento de memórias coletivas nos centros em processo de requalificação.

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 18, n. 3, p. 197-215, dez. 2025. ISSN 1981-4089

Figura 2 – Demolição da Feirinha de Araguaína/TO e substituição por nova edificação, evidenciando o processo de gentrificação e o apagamento da memória coletiva do comércio popular.



Fonte: Foto 1: Marcos Humberto/TV Anhanguera (2017); Foto 2: Os autores, 2025.

Esse processo de requalificação urbana, frequentemente justificado pelo discurso do progresso, está atrelado a transformações estruturais que aprofundam desigualdades e intensificam disputas territoriais. Segundo Bataller (2000), a gentrificação é acompanhada por investimentos em infraestrutura e serviços, o que eleva o valor simbólico e imobiliário das áreas, mas também reforça a exclusão.

Brito *et al.* (2022) observam que a Feirinha, inicialmente um espaço simples e popular, passou a sofrer transformações em sua estrutura e ocupação social, refletindo dinâmicas de poder associadas à expansão urbana e à ausência de investimentos públicos voltados às necessidades da população tradicional do local.

Para Silva *et al.* (2024), as concepções de espaço estão ligadas às crenças e representações culturais que os sujeitos constroem sobre o ambiente em que vivem. Essas expressões culturais desempenham um papel fundamental na formação da identidade coletiva, pois influenciam diretamente a forma como determinados grupos sociais se apropriam, percebem e se relacionam com o território que habitam. Assim, esses espaços e disputas territoriais em Araguaína evidenciam as tensões inerentes à centralidade urbana, ao mesmo tempo em que revelam a capacidade de reinvenção e resistência dos territórios periféricos diante das dinâmicas socioespaciais contemporâneas.

Feirinha e Reciclarte: tensões e ressignificações do espaço urbano

A partir da análise dos contextos da Feirinha e da Reciclarte, elaborou-se a Quadro 1, que sintetiza as diferenças entre os processos de exclusão e resistência observados nos espaços urbanos em Araguaína/TO.

Os dados mostram que tanto a Feirinha quanto a Reciclarte evidenciam dinâmicas de produção social do espaço urbano, ainda que sob perspectivas distintas de poder, resistência e transformação. No caso da Feirinha, de acordo com Brito *et al.* (2022), a paisagem antes marcada pela simplicidade e pelo vínculo comunitário foi degradada pelo abandono estatal e pela especulação imobiliária, revelando os efeitos da produção desigual do espaço e das disputas nas áreas centrais.

A Reciclarte configura-se como um projeto de resistência em meio às desigualdades do contexto urbano. Ao priorizar o atendimento a filhos de catadores e estimular a formação de cooperativas, a escola contribui para a ressignificação do espaço urbano, oferecendo alternativas de inclusão social e econômica por meio da educação ambiental e da prática da reciclagem. Mesmo em escala local, trata-se de uma iniciativa que promove a apropriação coletiva do território e incentiva novas formas de organização comunitária (RODRIGUES, 2020).

Quadro 1 – Dinâmicas de Exclusão e Resistência na Feirinha e na Reciclarte.

Dimensão Analisada	Feirinha	Reciclarte
Origem do Espaço	Espaço de comércio popular e relações comunitárias.	Projeto educativo e de inclusão socioambiental.
Processo de Transformação	Degradação urbana devido à especulação imobiliária, abandono público e violência.	Incentivo à organização de cooperativas e práticas de reciclagem.
Dinâmica Atual	Conflito entre memória/comércio tradicional e pressões da gentrificação.	Práticas sustentáveis e comunitárias de caráter educacional.
Relação com o Poder Público	Desassistência e negligência municipal/estadual.	Apoio indireto via políticas públicas de incentivo à educação ambiental (PNRS).
Formas de Resistência	Manutenção de práticas comerciais populares e redes de sociabilidade tradicionais.	Educação crítica e formação de redes comunitárias.
Principais Desafios	Gentrificação, marginalização social, violência.	Sustentabilidade financeira e expansão das ações educativas

Fonte: Rodrigues (2020); Brito *et al.* (2022). Elaborado pelos autores (2025).

Portanto, a análise desses espaços evidencia que, em Araguaína/TO, coexistem processos de exclusão e resistência que, simultaneamente, moldam e ressignificam a cidade. A Feirinha e a Reciclarte, cada uma a seu modo, expressam a luta pela permanência e a disputa pelo direito à cidade, ora tensionadas pelas forças do mercado e do Estado, ora fortalecidas pela ação coletiva e educativa dos próprios sujeitos sociais.

Para Brito *et al.* (2022), a Feirinha surgiu em uma área inicialmente considerada "vazia" na cidade de Araguaína, situada próxima ao Posto Jaó e a um antigo campo de futebol, cercada

por vegetação nativa. Como relata um ex-feirante entrevistado pelos autores: “A Feirinha é mais velha que o Bairro São João. Era só mato, na época só existia o Posto Jaó naquele lugar. As pessoas iam colocando a sua banca por conta própria. A Prefeitura não ajudou ninguém no início, somente alguns anos depois é que os feirantes receberam os documentos, chamado de Cessão de Direitos, e ninguém poderia mais mandar os feirantes sair dos pontos” (Entrevistado 2, apud BRITO *et al.*, 2022, p. 7).

A narrativa evidencia um processo de ocupação espontânea posteriormente legitimado, hoje ameaçado pela gentrificação. Projetos imobiliários e políticas de reestruturação urbana tendem a apagar a memória social desses territórios, deslocando populações tradicionais sob o pretexto da "revitalização" e revelando a tensão entre a valorização simbólica da história local e a lógica excludente do mercado.

Um outro depoimento, do comerciante Aroldo da Silva, evidencia as dificuldades enfrentadas pela comunidade local diante das mudanças urbanas: “Criei minha família trabalhando aqui dentro. Eu queria que mesmo que fosse para tirar, me avisasse porque eu levaria minhas coisas para casa, porque eu tenho onde botar” (JORNAL ANHANGUERA, 2017). A fala revela a sensação de insegurança e desamparo diante da retirada abrupta, sem comunicação prévia, que impactou não só a economia local, mas também a vida pessoal dos trabalhadores.

Por outro lado, a Escola Reciclarte, conforme aponta Rodrigues (2022), assume um papel diferente ao atuar como agente educativo e ambiental na comunidade. Em entrevista para a pesquisa, a gestão da escola destaca que “À medida que a comunidade vai se tornando mais esclarecida e envolvida no processo de cuidados com o meio ambiente, naturalmente essa necessidade aflora e a exigência aumenta” (RODRIGUES, 2022, p. 45).

Além disso, reportagem do Jornal Cultural (2025) informa que, “Apenas em 2024, a escola atendeu mais de 400 alunos nos 16 cursos disponibilizados. A relevância dessa escola é ímpar, a comunidade valoriza muito e todo mundo só tem a ganhar”, conforme destaca Carmelita, gestora atual da escola. Essa fala evidencia a consolidação da Reciclarte como espaço de formação e valorização social.

Enquanto a Feirinha reflete um processo histórico de ocupação popular marcado por disputas de legitimidade no espaço urbano, a Escola Reciclarte representa uma iniciativa

institucionalizada voltada à educação ambiental e à sustentabilidade, articulando-se com a comunidade e o poder público. Essa comparação evidencia diferentes formas de apropriação e significados atribuídos ao território, envolvendo dimensões simbólicas, sociais e políticas que moldam a identidade local.

Considerações finais

A análise da dinâmica urbana em Araguaína evidencia um conflito marcado entre a valorização econômica dos territórios e a resistência social dos seus moradores. A gentrificação da Feirinha revela como interesses imobiliários e econômicos reconfiguram espaços urbanos, apagando tradições locais e aprofundando processos de exclusão social. Em contraponto, iniciativas como a Escola Reciclarte demonstram o potencial da sociedade civil para ressignificar esses espaços por meio da educação ambiental, da cultura e da inclusão social.

Dessa forma, o estudo reforça que a produção do espaço urbano não é neutra, estando permeada por interesses políticos, sociais e econômicos que influenciam as formas de apropriação e vivência dos lugares. Enquanto processos de exclusão e homogeneização social avançam, surgem práticas que reafirmam identidades locais e valores comunitários, evidenciando que a luta pelo território é também a luta pela memória, pela cultura e pela dignidade. A cidade se configura, portanto, como um palco de permanente tensão entre dominação e emancipação, onde a resiliência dos grupos sociais pode abrir novas possibilidades para o futuro dos seus espaços vividos.

A análise dos dados sobre a Feirinha e a atuação da Reciclarte revela que, apesar de expressarem tensões distintas, ambos os espaços carregam potenciais de transformação social. A Feirinha resiste à gentrificação como território de memória e práticas populares, enquanto a Reciclarte evidencia o papel da educação ambiental na formação de sujeitos críticos e na construção de formas ativas de resistência territorial.

Com base nesses achados, recomenda-se a formulação e implementação de políticas públicas que promovam a preservação dos espaços tradicionais e a valorização das práticas comunitárias, minimizando os impactos negativos da gentrificação. Intervenções sociais que incentivem a participação popular nas decisões urbanas, o fortalecimento de iniciativas

educativas e culturais como a Reciclarte, bem como o fomento à economia solidária, são estratégias fundamentais para garantir uma urbanização mais justa e inclusiva.

Conclui-se, portanto, que a interação entre gentrificação e resistência em Araguaína evidencia como o espaço urbano é permanentemente disputado entre forças de exclusão e práticas emancipatórias. O estudo atingiu seu objetivo ao demonstrar que a Feirinha e a Reciclarte representam, em escalas distintas, expressões concretas da luta pelo direito à cidade.

Referências

BATALLER, Maria Alba Sargatal. **O estudo da gentrificação**. Tradução de Maurilio Lima Botelho. Revista Continentes (UFRRJ), ano 1, n. 1, 2012. Publicado originalmente em: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales (Universidad de Barcelona), n. 228, 3 maio 2000.

BRITO, Eliseu Pereira de et al. **Paisagens urbanas em mutação: o caso da Feirinha em Araguaína, TO**. Terra Plural, v. 16, p. 382-406, 2022. DOI: 10.5212/TerraPlural.v.16.2215082.032.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O desenvolvimento do pensamento geográfico: orientação metodológica para o ensino**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. Pensar pela Geografia: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. p. 139-179.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave na Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa (org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

DA SILVA, E.; COELHO, D. de S. R.; CORDEIRO, E. da S.; SILVA, R. P. da; CARNEIRO, G. M. **Perspectivas da paisagem: aproximações à realidade de Araguaína**. Revista Terceiro Incluído, Goiânia, v. 14, n. 2, p. e14207, 2024. DOI: 10.5216/teri.v14i2.80904. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/80904>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama: Araguaína (TO)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>. Acesso em: 1 maio 2025.

LAMBERT, Luna Letícia de Mattos; FERNANDES, Maria Lúcia Bueno. **O estudo do meio na educação ambiental formal: contribuições da ciência geográfica**. Linhas Críticas, v. 22,

n. 47, p. 150–169, jan./abr. 2016. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4800>. Acesso em: 17 abr. 2025.

PAULA, Igor Arthemis Pinho de. **Educação ambiental: reciclagem e coleta seletiva de resíduos sólidos como forma de conscientização da comunidade escolar**. Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 9, p. 519-532, 2024.

PREFEITURA DE ARAGUAÍNA. **Reciclarte de Araguaína dá aula de reaproveitamento em exposição no Tribunal de Justiça do Tocantins**. 2023. Disponível em:
<https://araguaina.to.gov.br/noticias/reciclarte-de-araguaina-da-aula-de-reaproveitamento-em-exposicao-no-tribunal-de-justica-do-tocantins>. Acesso em: 28 abr. 2025.

RIBEIRO, Tarcyla. **Gentrificação nas favelas cariocas: fenômeno ou discurso?** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GENTRIFICAÇÃO: MEDIR, PREVENIR, ENFRENTAR, 2019, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

RODRIGUES, Kassia Thais da Silva. **A contribuição da Reciclarte Escola de Artes Raimundo Paulino para políticas ambientais da cidade de Araguaína - TO**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) UFNT, Araguaína, 2020. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/11612/5180>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS, Milton. **O tempo (os eventos) e o espaço**. In: SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. p. 143-168.
_____. **Espaço e sociedade: ensaios**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. 156 p. Publicado inicialmente em Antipode, n. 1, v. 9, jan./fev. 1977.

SILVA, Roberto Antero da. **Desigualdades socioespaciais na cidade média de Araguaína – TO**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, 2024.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

SILVA, Roberson Pereira da; LUCAS, Wagna Lindemberg Costa. **Território e relações de poder: um olhar sobre os movimentos sociais no Bico do Papagaio**. Revista Brasileira de Estudos de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 1, n. 1, p. 99-109, 2024. DOI: 10.30681/rbegdr.v1i1.12386.

TV ANHANGUERA. **Demolição de imóveis condenados pela Defesa Civil revolta comerciantes**. G1 Tocantins, 27 jun. 2017. Disponível em:
<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2017/06/27/demolicao-de-imoveis-condenados-pela-defesa-civil-revolta-comerciantes.html>. Acesso em: 28 abr. 2025.

TOCANTINS CULTURAL. **Reciclarte abre matrículas para 16 cursos gratuitos em Araguaína, incluindo balé e violão**. 23 jan. 2025. Disponível em:

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 18, n. 3, p. 197-215, dez. 2025. ISSN 1981-4089

<https://tocantinscultural.com.br/reciclarte-abre-matriculas-para-16-cursos-gratuitos-em-araguaina-incluindo-bale-e-violao/>. Acesso em: 16 jun. 2025.